

Sun Tzu: Treze Momentos para a vitória ou para a Destruição

Rodrigo Wolff Apolloni



Pretendo falar de um homem muito antigo, cujo nome poderia ser Estratégia. E de um livro que poderia ter sido escrito na rocha, para os séculos. Esqueçamos Clausewitz, Napoleão, Zhukov ou Guderian. Nosso homem é Sun Tzu, general chinês do quarto século antes de Cristo que escreveu “Os Treze Momentos”, um livrinho diabolicamente interessante que determinou os princípios ideais para a vitória em todas as guerras. Ainda que não tenha o peso de um Confúcio – pudera, uma vez que a guerra é uma coisa horrível – influenciou violentamente o modo de pensar chinês, inclusive em áreas como a da medicina.

Antes de chegar ao livro, é preciso falar do contexto em que ele foi escrito. A China que gerou Sun Tzu, por volta de 400 a.C., era uma região de reinos independentes (Chin, Wei, Chi, Wu, Yueh e Chu), exércitos recém-profissionalizados e nobres mesmerizados pelo desejo de conquistar um império.

O período, conhecido como “Era dos Reinos Combatentes”, durou de 453 a 221 a.C., sucedeu ao Período “da Primavera e Outono” (771 a 481 a.C.) e culminou com a tomada do poder por Qin Huang Di, o maior de todos os imperadores chineses (e que deu nome ao país - Qin = China).

Carruagens ligeiras - Uma presa tão sedutora quanto o Império do Meio exigia armas, carruagens ligeiras e homens que soubessem conduzi-las. E foi exatamente nesta situação que nasceu Sun Tzu, generalíssimo de Wu. A revolução dos “Treze Momentos” começa por uma pioneira sistematização de todos os elementos que formam a guerra. São eles “Planejamento”, “A Conduta da Guerra”, “Estratégia Ofensiva”, “Plano Tático”, “Emprego da Energia”, “Pontos Fracos e Fortes”, “Manobra”, “As Nove Variações” (sobre a relação entre a tropa e

terreno), “O Exército em Marcha”, “Configuração do Terreno”, “As Nove Situações” (novamente sobre o terreno), “Ataque com Fogo” e “Emprego de Espiões”.

Ainda que cada “momento” ataque especificamente cada tema, nas entrelinhas de praticamente todos os capítulos há lições formidáveis, que podem ser usadas hoje por qualquer pessoa. Aliás, formidável mesmo é a visão pragmática do estrategista chinês a respeito de temas que, ainda hoje, causam arrepios aos homens de governo.

O melhor exemplo são as considerações sobre a relação entre as forças que, à época, constituíam o Estado: Rei, General e Povo. Da harmonia entre os três dependeria a vida do Estado. Desequilíbrios, principalmente entre o rei e o general, poderiam ser resolvidos pela escolha de um comandante militar mais forte ou, mesmo, pela deposição do rei (por favor, não imaginem aqui nenhum tipo de aceitação, de minha parte, da lógica dos golpes de Estado idiotas e sanguinolentos de nossa época).

Aliás, Sun Tzu é cristalino na defesa da manutenção dos três pontos: assim, se um general depusesse um rei, seria sua obrigação colocar outro, mais sábio, imediatamente no poder. De resto, é preciso lembrar que a visão de construção feita por Sun Tzu nasce do Confucionismo, irrepreensível do ponto de vista da ética do governante. Nasce daí o conceito do rei como responsável absoluto pela escolha do general, que é significativamente chamado de “jóia do Estado”.

Estratégia Militar – Ainda que a análise da “estratégia genérica” dentro dos “13 Momentos” seja muito sedutora, não há como desprezar sua finalidade básica, militar. Mesmo aí, sem considerar coisas complexas como a chamada “Estratégia Indireta”, que não cabe discutir aqui – há coisas muito interessantes, como a conduta do exército diante de um inimigo encurralado.

Sun Tzu é categórico ao afirmar que, num caso como esse, é prudente deixar uma rota de fuga - não por piedade, mas pelo aspecto psicológico: numa situação em que a morte é iminente, cada guerreiro se multiplica por 10 (o melhor exemplo

disso são os “300 de Esparta”, que também no século IV a.C. deram uma tremenda dor de cabeça para 10 mil soldados persas nas Termópilas).

Finis – Não há como resumir Sun Tzu em uma página; tenho certeza, também, que esta análise é repleta de falhas e incorreções. Mas, se valer como apresentação, está de bom tamanho. Sugestão: se quiser ter acesso às melhores análises, leia em inglês ou, então, procure nos sebos o livro “Os Treze Momentos – Análise da Obra de Sun Tzu”, a melhor obra em português sobre o assunto, escrita pelo tenente-coronel Alberto Mendes Cardoso. Fecho este texto com alguns aforismos do generalíssimo de Wu:

“O que os antigos chamavam de um general inteligente era aquele que não somente vencia, mas que primava por vencer com facilidade. (...) Ele vencia as batalhas sem cometer enganos. Evitar os enganos dá certeza da vitória, porque significa vencer um inimigo que já está derrotado.”

“Se não for do interesse do Estado, não haja. Se não tiver condições de vencer, não recorra ao conflito armado. Se não estiver em perigo, não desencadeie as hostilidades.”

“Um soberano não deve lançar seu exército no campo de batalha simplesmente para satisfazer sua ira, nem um general travar um combate meramente devido a ressentimentos. (...) A ira pode eventualmente transformar-se em serenidade; à contrariedade pode seguir-se satisfação. Porém, um Estado que tenha sido destruído jamais poderá renascer, nem podem os mortos ser trazidos de volta à vida.”